

FEMINILIDADE: SENTIDOS EM ANÁLISE

Larissa da Silva Carneiro Rocha¹

Não é incomum a associação de algumas palavras como beleza, sofisticação, delicadeza e *feminilidade* em anúncios de produtos voltados para mulheres. Parece, em primeiro momento, que *feminilidade* é um termo estabilizado, sem nenhuma divisão de sentidos. Esse efeito de transparência aparece, inclusive, na definição de um dos mais populares dicionários online, feito por falantes de língua portuguesa, quando lemos o seu significado como: “palavra que define o jeito feminino de um ser vivo” (Feminilidade, 2022). Essa definição sucinta remete a uma simplicidade ilusória de compreender “o jeito feminino de um ser vivo” como uma via de mão única, como se a *feminilidade* fosse entendida como uma coisa só.

Ao longo da história, contudo, podemos ver que o sentido de *feminilidade* não segue um sentido único, fechado e impenetrável. Ele se desloca, ora reforçando a ideia de fragilidade, incapacidade, futilidade; ora reforçando a ideia de delicadeza, beleza e formosura. É nesse aspecto que pretendo pensar o nome *feminilidade*, tomando como questão: quais os sentidos nela se configuram diante dos discursos feministas e antifeministas. Trago como recortes os textos: “Feminismo x feminilidade: uma realidade que tem dividido as mulheres”, escrito por Ana Carolina Cury no Portal R7, e o texto “Você sabe o que é feminilidade?” no texto veiculado no blog da marca de calcinhas absorventes “Pantys”.

Retomando um pouco sobre a noção de polissemia, penso no que diz Orlandi (1984, p. 11) como o “novo, o diferente” no processo de instaurar os sentidos. As palavras não possuem sentido em si mesmas, mas ganham sentido a partir das práticas sociais. Dessa forma, é a circulação da palavra *feminilidade* em diferentes conjunturas históricas e sociais que lhe fazem ganhar sentido X e não Y e vice-versa.

Michel Bréal, linguista francês, considerado o pai da semântica, inaugura em sua obra *Ensaio de Semântica* os estudos voltados para polissemia. Sobre esse fenômeno, o autor diz:

O sentido novo, qualquer que seja ele, não acaba com o antigo. Ambos existem um do lado do outro. O mesmo termo pode empregar-se alternativamente no sentido próprio ou no sentido metafórico, no sentido restrito ou sentido amplo, ou no sentido concreto... À medida que uma significação nova é dada à palavra, parece multiplicar-se e produzir exemplares novos, semelhantes na forma, mas diferente no valor. A esse fenômeno de multiplicação chamaremos de polissemia (Bréal, [1897] 1992, p.103).

A polissemia está presente todos os dias no nosso cotidiano, na forma como nos relacionamos com determinados grupos, na forma como escolhemos o nosso vocabulário ou pela impressão que queremos transparecer ao falar/usar certa palavra. Parece-me interessante, nesse caminho dos sentidos, a

¹ Mestranda em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP, graduada em Letras-Inglês pela Universidade Estadual do Maranhão, membro do grupo de pesquisa diAdorim.

compreensão sobre formações discursivas, já que, se o sentido se instaura pelas práticas sociais, penso que entender esse processo do dizer com relação à ideologia, é uma noção importante para atrelar ao conceito de polissemia.

Nesse aspecto, me fazendo valer das palavras de Orlandi sobre formações discursivas, ressalto o que ela diz:

As formações discursivas representam, na ordem do discurso, as formações ideológicas que lhes correspondem. É a formação discursiva que determina o que pode e deve ser dito, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada. Isso significa que as palavras, expressões, etc. recebem seu sentido na formação discursiva na qual são produzidas (Orlandi, 1996, p. 108).

Em resumo, o jogo polissêmico, esses deslocamentos de sentidos, essas fissuras, bifurcações, cisões no sentido se dão por causa do seu emprego, do seu uso, da sua reprodução e como quem as emprega está sob uma formação discursiva A e não B. Logo uma palavra de significante X, por exemplo, não configura seu sentido pelo significante em si, ou pelo seu significado “literal” apenas, mas o sentido é determinado pela relação com a ideologia em que essa formação discursiva representa.

Isso, contudo, não significa que todos os sujeitos que se inscrevem em determinada formação discursiva vão reproduzir sempre os mesmos sentidos. Uma formação discursiva também é constituída de contradições. O sujeito pode, ou não, se identificar.

Outra noção importante, quando penso a polissemia é o que Foucault diz em *A Ordem do Discurso* quanto à vontade de verdade, essa relação entre o desejo e o poder na história, que também regula o que é dito, ou o que vai ser excluído no momento da fala.

Diante do exposto, retomo a questão desse breve trabalho: o nome **feminilidade**. No início desse texto trouxe o significado da palavra de apenas um dicionário, em que apenas um sentido para **feminilidade** apareceu. Começo, no entanto, esta análise valendo-me de outro dicionário, online feito por falantes de língua portuguesa também, mas em que encontrei mais sentidos a este nome e que pretendo relacionar com outros recortes. Vejamos a definição de **feminilidade** a seguir:

Característica, particularidade ou estado particular da mulher; **comportamento feminino**; feminidade. [Por Extensão] Designação do sexo feminino. [Por Extensão] Que designa um **conjunto formado por mulheres**: a beleza da feminilidade colombiana. [Pejorativo] **Maneira de agir que denota futilidade; frivolidade** (Feminilidade, 2022, grifos meus).

O sentido de **comportamento feminino**, ao meu ver, se relaciona ao mesmo sentido de **jeito feminino de um ser vivo**, encontrado no dicionário Informal, restando em primeiro olhar a dúvida do que seria esse jeito/comportamento feminino, mas que associada ao resto da explicação noto que são características voltadas às mulheres, na designação do feminino. **Feminilidade** também se dá como um “coletivo” ao nomear um conjunto formado por mulheres. E, então, nos deparamos com o sentido pejorativo: **feminilidade = futilidade**.

É nessa relação entre uma característica positiva e negativa que pretendo observar o emprego deste nome. Para isso, é importante ressaltar aspectos históricos e sociais em seu uso. Durante a Idade Média e Idade Moderna estabeleceu-se uma necessidade de delinear e delimitar os papéis morais e sociais de homens e mulheres, formulando para sociedades dessas épocas conceitos específicos do que é masculino e feminino, sobretudo levando em consideração as predisposições biológicas.

A cultura europeia, destes idos, produzia um discurso que visava promover uma perfeita adequação entre as mulheres e o conjunto de atributos, funções, **predicados e restrições denominado feminilidade**. Assim, era definida a natureza das mulheres. As virtudes próprias da feminilidade pautavam-se no **recato, na docilidade, na afetividade mais desenvolvida, na receptividade passiva em relação aos desejos e necessidades dos homens e, mais tarde, dos filhos** (Almeida, 2012, p. 30).

Sob esta formação discursiva patriarcal que regia as práticas sociais desse período, a **feminilidade** é tomada pelo viés da meiguice, da submissão, da passividade em relação ao desejo masculino, e que esconde uma série de restrições. E são essas limitações que vão provocar outra concepção de **feminilidade**, mais tarde.

No Brasil Colonial vemos a figura feminina relacionada às tarefas e prendas domésticas, enquanto os homens exploravam a terra, tinham acesso à educação entre outras coisas. Na verdade, a mulher nesse período foi considerada integrante do “*imbecilius sexus*” ou sexo imbecil. Nesse aspecto, não é difícil compreender que o sentido de **feminilidade** pode também se configurar como pejorativo.

Pensando o nome **feminilidade** relacionado a produtos destinado às mulheres, trago agora o recorte do blog da marca de calcinhas absorventes Pantys (2021, grifos da página):

A primeira onda feminista surge neste período para tirar o véu da aceitação e mostrar o quão arbitrário era o padrão de comportamento imposto pelo patriarcado. A socióloga feminista Josette Trat indica que os principais confrontos do feminismo iniciaram pela discussão da misoginia, a divisão social do trabalho que restringe a mulher aos cuidados do lar e a **dominação masculina que se justifica por uma construção histórica** e não algo divino e natural. Além disso, a **feminilidade expressa em padrões estéticos absurdos** acabou sendo revelado pelas ondas feministas como mais uma ferramenta para dizer às mulheres biológicas como elas devem se vestir, que tipo de cabelo usar, associar higiene e beleza a um corpo sem pelos e muito mais!.

Percebo no discurso veiculado pela marca de calcinhas absorventes, um posicionamento ligado à formação discursiva feminista. Nesse aspecto, entendendo que são as formações discursivas que regem o que vai ser dito e como será dito, diante da representação ideológica, o sentido de **feminilidade**, nessa formação discursiva além de pejorativo é **opressor**, pois estabeleceria uma imposição de um padrão estético e social que as mulheres que se inscrevem nessa formação rejeitam. Ainda, associado ao sentido de **feminilidade**, encontrei nessa página, as palavras: **censura, padrões estéticos, aparência de fragilidade e patriarcado**.

Ainda explorando o sentido deste nome nos discursos feministas e antifeministas, o recorte da reportagem de Cury (2021) faz uma relação interessante logo no título do artigo: “Feminismo x feminilidade”.

É interessante pensar, nesse contexto, que feminilidade não se coloca em oposição a masculinidade como nos exemplos anteriores. **Feminilidade** se opõe ao **feminismo**.

Ser feminina significa ter **empatia com o outro, ser gentil, sensível, amável, inteligente e forte emocionalmente** (não é à toa que nós fomos escolhidas para **dar à luz**). Para a antropologia, a feminilidade é um conjunto de comportamentos e qualidades das mulheres. Ela faz parte da nossa biologia e nos traz inúmeros benefícios. (...) Assim, a **masculinidade e a feminilidade são realidades biológicas**, e isso não significa que uma é superior à outra. Ambas são necessárias porque se equilibram e se completam. Então, pense comigo: por que desencorajar as mulheres a abraçarem seus traços femininos? Por que menosprezar aquelas que escolhem um caminho mais tradicional para suas vidas e são felizes com isso? (Cury, 2021, s. p., grifos meus).

Aqui, estamos diante de uma formação discursiva oposta ao feminismo defendido no recorte anterior. Nesse conceito de **feminilidade**, percebo que há o mesmo, e o diferente: o mesmo se configura com a associação aos aspectos de delicadeza, sensibilidade, gentileza, doçura, amabilidade que as palavras destacadas evocam, e que a sociedade patriarcal entendia por **feminilidade**. Contudo, parafraseando Bréal, um sentido não precisa excluir o outro. Aqui há o acréscimo da força emocional, rejeitando a ideia de fragilidade da mulher, e associando essa força também ao trabalho de parto. E também percebemos a divisão do sentido quanto à inteligência, em que a autora destaca que ser feminina é ser inteligente também, o oposto do termo *imbecilus sexus* antes mencionado.

Esse sentido do nome **feminilidade** conversa diretamente com os ideais e valores da fé cristã. É interessante ressaltar que o discurso antifeminista se apoia fortemente no sentido de feminilidade, principalmente quando este nome é colocado sob o viés bíblico. Há uma série de produções literárias sobre feminilidade e o papel da mulher no seio familiar, como o livro: *Feminilidade Radical: fé feminina em um mundo feminista*, de Carolyn McCulley, autora, e cineasta cristã. Nesse livro, a autora faz um percurso de seu encontro com o feminismo, até rejeitá-lo encarando com outros olhos a *feminilidade* e a sua fé.

Ainda pesquisando sobre *feminilidade* encontrei outros termos como: **feminilidade tóxica, feminilidade bíblica, resgate da feminilidade, feminilidade esquecida**, embora não tenha conseguido abarcá-los nesse trabalho, percebo a riqueza do nome **feminilidade** e como ele ainda provoca discussões e disputas. Nesse aspecto, ao concluir, relembro sobre a vontade de verdade da qual Foucault fala, e também sobre o que ele diz sobre discurso: “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (Foucault, 2014, p. 10).

Feministas e antifeministas estão na disputa de poder nos dizeres sobre feminilidade/ser mulher e esta luta é marcada por tensão, pela busca pela “verdade”. Penso que não é uma disputa que vá se encerrar tão cedo, contudo, é interessante ver o movimento das palavras/ dos nomes na busca dos sentidos em que as práticas sociais reclamam. Para mim, é este o lugar em que consiste a beleza da polissemia, nessa fuga de sentidos já que como diz Orlandi (2012, p. 27), “a sociedade não é inerte e o sentido não é exato”.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Angela Maria Menezes de. Feminilidade – caminho para subjetivação. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n 28, p. 29-44, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n38/n38a04.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2022.

CURY, Ana Carolina. Feminismo x Feminilidade: uma realidade que tem dividido as mulheres. **Notícias R7**, 2021. Disponível em: <https://noticias.r7.com/prisma/refletindo-sobre-a-noticia-por-ana-carolina-cury/feminismo-x-feminilidade-uma-realidade-que-tem-dividido-as-mulheres-24092021>. Acesso em: 30 jun. 2022.

FEMINILIDADE. *In*: **Dicio**. Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/feminilidade/>. Acesso em: 30 jun. 2022.

FEMINILIDADE. *In*: **Dicionário Informal**. São Paulo. 2009. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/feminilidade/>. Acesso em: 30 jun. 2022.

FOUCAULT, Michel. [1970] **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MCCULLEY, Carolyn. **Feminismo Radical**: fé feminina em um mundo feminista. São José dos Campos: Fiel, 2017.

ORLANDI, Eni P. **Segmentar ou Recortar**. Uberaba: FIU, 1984. Série Estudos 10.

ORLANDI, Eni. **Discurso e Leitura**. Campinas, Editora da Unicamp. 1996

ORLANDI, Eni. Sentidos em fuga: efeitos da polissemia e do silêncio. *In*: CARROZZA, Guilherme; SANTOS, Miriam dos; SILVA, Telma Domingues da. (org.). **Sujeito, Sociedade e Sentidos**. Campinas: Editora RG, 2012.

VOCÊ sabe o que é feminilidade. **Pantys**, 2021. Disponível em: <https://www.pantys.com.br/blogs/pantys/mas-voce-sabe-mesmo-o-que-e-feminilidade-pantys>. Acesso em: 30 jun. 2022.